

## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ HISTÓRIA AFRO-LATINO-AMERICANA

por *Rodrigo Bonciani e Gustau Nerín*

A ideia desse dossiê surgiu durante a criação da *Cátedra Edison Carneiro: História Afro-Latino-Americana*, em outubro de 2014. Sediada e apoiada pelo Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), a Cátedra foi fundada pelo historiador Luiz Felipe de Alencastro e teve a participação de pesquisadores em diferentes campos que englobam os estudos sobre a África e a diáspora. O principal objetivo da Cátedra e do dossiê é favorecer os diálogos acadêmicos sobre a história da presença africana na América Latina.

Na entrevista concedida por Luiz Felipe de Alencastro, ele diferencia os três grandes sistemas escravistas americanos, o dos Estados Unidos, o de Cuba e o do Brasil, associando esse último ao espaço histórico do Atlântico Sul que incluía as Áfricas Ocidental e Central, Moçambique e a bacia do rio da Prata. Alencastro analisa diferentes perspectivas e tendências historiográficas que se desenvolveram nas últimas décadas, o que favorece uma reflexão sobre a historicidade e sobre a atualidade do debate das relações entre a África e as Américas.

Os artigos de Rodrigo Bonciani, Alex Borucki e Gustau Nerín estão dedicados ao estudo sobre o tráfico de escravos. Borucki analisa as questões historiográficas centrais desse campo, destacando o contexto rio platense do século XVIII, enquanto Bonciani e Nerín dedicam-se ao estudo das redes sociais constituídas em dois contextos extremos da história desse comércio, o primeiro na passagem do século XVI para o XVII e o outro na segunda metade do XIX. Bonciani observa a importância crescente dos portugueses no tráfico negreiro no Caribe e no rio da Prata e Borucki discute a continuidade dessa presença a partir de Colônia do Sacramento além das tentativas malogradas da coroa borbônica de estabelecer relações diretas entre a África e o rio da Prata. No texto de Nerín, os espanhóis, vinculados a redes brasileiras de comércio, tentam se passar por brasileiros, são os *"falsos brasileiros"* atuando no comércio ilegal de escravos.

Arlindo Caldeira aborda como o escravismo colonial voltou a bater às portas de Portugal. No processo de independência do Brasil, os retornados traziam escravos entre seus bens. Essa situação colocava à prova a lei pombalina de 1761

que proibia a entrada de escravos em Portugal. O artigo vai explorar as tensões e limites dos vínculos e lealdades políticas e sua relação com a escravidão, no relacionamento de Portugal com suas colônias e no contexto das relações europeias e internacionais.

No texto de Maribel Arrelucea temos um exemplo da importância da história social nos estudos sobre a diáspora nas Américas. A superação da categoria e da perspectiva escravo-coisa permite reconstituir a complexidade das práticas sociais que envolviam índios, brancos e negros na sociedade colonial, ao mesmo tempo em que chama a atenção para “evitar a idealização” das comunidades de africanos e afrodescendentes, mostrando que os sistemas de hierarquização e discriminação social estabelecidos nas sociedades coloniais podiam ser incorporados no interior dessas comunidades. Arrelucea atenta também para os elementos diferenciais da escravidão africana no Peru, onde foi uma instituição secundária, em comparação com o Brasil e Cuba.

O artigo de Francisco Quiroz analisa a problemática da escravidão nos espaços urbanos em uma perspectiva comparativa que relaciona diferentes contextos americanos. O artigo debate uma posição aceita por numerosos investigadores: a situação supostamente privilegiada dos escravos urbanos. Esta ideia, pouco questionada pela maioria dos especialistas, é analisada em detalhe com um aporte documental importante.

Bebel Nepomuceno trata um outro tema caro dos estudos da diáspora: as festas e a religiosidade de africanos e afrodescendentes nas Américas. O artigo analisa as festas negras do período natalino, mostrando sua relevância no sul do continente americano e no Caribe, desde uma perspectiva comparativa e destacando o lugar dos africanos e seus descendentes como agentes culturais e sociais de destaque na história americana.

O artigo de Cláudio Furtado parte das construções discursivas europeias sobre a África no século XIX, com destaque para o pensamento de Hegel, destacando a persistência de silenciamentos e denegações. Em seguida, discute a importância do pensamento nacionalista africano, que se desenvolveu nos contextos de luta pela independência e desde a perspectiva do pan-africanismo, para concluir com propostas de abordagem epistemológica, teórica e metodológica na produção do conhecimento sobre o continente e a diáspora. Em “Uma política de ossos”, de Vanicléia Santos, continuamos uma reflexão centrada na África, mas em um processo de incorporação e transformação do cristianismo pelas cosmogonias da África Central, com destaque para o comércio e os usos das relíquias católicas no continente e para o culto dos mortos.

Os artigos apresentados nesse dossiê revelam igualmente a abundância e a diversidade das fontes que fornecem novos elementos e permitem a consolidação de diferentes campos dos estudos africanos e da diáspora. A experiência da diáspora passa a ter sentidos e significados múltiplos, da África para as Américas, das Américas para a África, constituindo novos espaços históricos, como o Atlântico Negro, a Afro-América-Latina, o Atlântico Sul, reconfigurando também as relações europeias e internacionais, em um movimento de consequências profundas para a modernidade.